

# DEMOCRACIA POPULAR: EXPERIÊNCIA DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO DA CIDADE DO RECIFE [1955-1964]

Geane Bezerra Cavalcanti<sup>1</sup>

**Resumo:** Os anos entre 1945 e 1964 foram a primeira experiência democrática do Brasil, um momento de crescimento e crises, de efervescência cultural e social. É neste período que surgem as Associações de Bairro, a partir de 1955. Estas organizações tinham a finalidade de servir como ponte entre as comunidades carentes e a prefeitura do Recife. Esta foi, talvez, a maior experiência democrática da cidade, na qual os moradores das comunidades carentes opinavam de forma direta sobre os investimentos da cidade. Muitas conquistas foram alcançadas, porém, a maior vitória dos populares foi a cidadania adquirida, antes renegada por sua situação condição social. Este artigo tem a finalidade de mostrar como foi a organização das associações de bairro e sua experiência democrática. Como método, contamos com fontes bibliográficas e documentais, além de entrevistas.

**Palavras-chave:** Comunidade; Associações de Bairro; Movimento Popular.

## POPULAR DEMOCRACY: EXPERIENCE OF NEIGHBORHOOD ASSOCIATIONS IN THE CITY OF RECIFE [1955-1964]

**Abstract:** The years between 1945 and 1964 were the first democratic experience of Brazil, a time of growth and crises, cultural and social effervescence. It was in this period that Neighborhood Associations arose from 1955. These organizations were meant to serve as a bridge between poor communities and the Municipal Government of Recife. It was perhaps the most democratic experience of the city, in which residents of poor communities could directly give their opinions about the city's investments. Many achievements have been made, however, the greatest victory of the these people was acquiring citizenship disowned to them because of their social status situation. This article aims to show how the organization of Neighborhood Associations was and its democratic experience. As a method we have bibliographic and documentary sources, as well as interviews.

**Keywords:** Community; Neighborhood associations; Popular Movement.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em História e mestranda do programa de pós-graduação História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

A historiografia no fim do século XX abriu-se para um campo vasto de investigações e temas, como a história da mulher, história oral, micro história etc. Nosso trabalho se insere na história social. Para conhecermos melhor este campo de estudo e suas definições, ficamos com o conceito fornecido por Koselleck [2006]. Segundo o autor:

Constituem objeto da história social a investigação das formações das sociedades ou as estruturas constitucionais, assim como as relações entre grupos, camadas e classes; ela investiga as circunstâncias nas quais ocorreram determinados eventos, focalizando as estruturas históricas de médio e longo prazo, bem como suas alterações.<sup>2</sup>

Desta forma, os movimentos sociais são estudados pela história social por aglutinar uma classe ou grupos de interesses comuns que buscam alterar uma realidade, interferindo na formação da sociedade e interagido com a política a ponto de alterar as estruturas constitucionais. Os movimentos sociais criam eventos a partir de uma mobilização social, no qual o grupo interage e vive a mesma experiência, às vezes vivenciada de maneira diferente, ou seja, são movimentos históricos, por isso são estudados pela historiografia.

Ainda para Koselleck [2006] a história ajuda a formar conceitos que ao longo dos anos podem ser modificados e ganhar novos sentidos. O estudo sobre a história do conceito é de fundamental importância para a história social, pois os conceitos remetem a aspectos políticos, sociais, reúne experiência histórica, além de “características objetivas teóricas e práticas em uma única circunstância, a qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio desse mesmo conceito”<sup>3</sup>. Logo, “A história social que queira proceder de maneira precisa não pode abrir mão da história dos

---

<sup>2</sup>KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006. p. 97.

<sup>3</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006. p. 109.

conceitos, cujas premissas teóricas exigem preposições de caráter estrutural”<sup>4</sup>.

As mudanças acarretadas pela Revolução Francesa e Revolução Industrial influenciaram no nascimento da sociologia e de questões problematizadas pela história social. A partir daí novos conceitos surgiram como sociologia, socialismo, liberalismo, anarquismo, etc. termos existentes até hoje. Desta forma, estudar os conceitos é importante para a história social já que a história dos conceitos é “um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social ou político”<sup>5</sup>. Com isso, a partir dos seus métodos, “a história dos conceitos fornece indicadores para a história social”<sup>6</sup>.

É durante o século XIX que surgem os movimentos sociais, presentes até hoje em nossa sociedade, estes grupos desempenham importante papel na vida política, social e cultural de vários países. Atuam no equilíbrio das relações entre governo e população possuindo importante papel para a democracia, ganham importância e tornam-se hoje fonte de pesquisa da história social. No século XX os movimentos sociais passaram a chamar a atenção dos estudiosos que formularam as teorias e conceitos sobre eles.

Na lógica dos movimentos sociais, também circulam teorias e conceitos. Para Ammann [1991], ao analisar Castells e Touraine, “Movimento Social é uma coletiva de caráter contestador, no âmbito das relações sociais, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade”<sup>7</sup>. Porém, conceituar os movimentos sociais não é tão simples, pois se tratam de organizações heterogêneas e possuem interesses diversos. Em

---

<sup>4</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006. p. 118.

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006. p. 103.

<sup>6</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006. p. 107.

<sup>7</sup> AMMANN, Safira Bezerra. **Movimento Popular de Bairro**: de frente para o Estado, em busca do parlamento. São Paulo: Cortez, 1991. p. 22.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

sua maioria lutam por uma causa de interesse comum a um determinado grupo, surgindo, assim, a partir de uma consciência de classe. Tomaremos aqui o conceito de classe entendido por E. P. Thompson [2004] no qual a classe é considerada

Um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência. Ressalto, é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente [e cuja ocorrência pode ser demonstrada] nas relações humanas.<sup>8</sup>

Neste artigo procuraremos relatar as experiências das associações de bairro, dos seus membros, da formação de uma identidade em comum, do sentido de classe dos moradores da periferia, que dividiam as mesmas experiências, construindo laços de solidariedade a partir de suas relações.

Os movimentos sociais, dentre eles, os movimentos de bairro, surgem a partir de uma consciência de classe construída por experiências em comum, unidos pelos mesmos interesses e contra aqueles que possuem interesses contrários dos seus, como afirma Thompson [2004]:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns [herdadas ou partilhadas], sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem [e geralmente se opõem] dos seus.<sup>9</sup>

Os opositores, contra os quais movimentos sociais lutam, podem vir da esfera pública, como o Estado aliado a outros grupos contrários as suas ações, ou da esfera privada, em sua maioria uma elite que detém o poder e forte influência sobre os órgãos superiores. No caso do movimentos de bairro do Recife, este foi aliado ao governo de esquerda da metade da década de

---

<sup>8</sup> THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa I**. 4ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 09.

<sup>9</sup> THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa I**. 4ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 10.

## Democracia popular: experiência das associações de bairro da cidade do Recife [1955-1964]

| Geane Bezerra Cavalcanti

1950 até a outra metade da década de 1960, mas contrários ao governo autoritário que emergiu após o golpe de 1964.

### **Experiência democrática das Associações de Bairro no Recife**

O período entre 1945 e 1964 é considerado como a maior experiência democrática do Brasil até então. É colocado por Carvalho [2013], como o período dos direitos políticos, pois a constituição de 1946 manteve os direitos sociais anteriormente conquistados na era Vargas e garantiu os direitos civis e políticos.

Até 1964, houve liberdade de imprensa e de organização política. Apesar de tentativas de golpe militares, houve eleições regulares para presidente da República, senadores, deputados federais, governadores, deputados estaduais, prefeitos e vereadores.<sup>10</sup>

Esta liberdade política foi importante, principalmente a partir da década de 1950, para a organização popular, tanto no campo quanto nas cidades, através da formação de associações, clubes e sindicatos que reivindicavam garantias de direitos já adquiridos, de melhores condições de trabalho e salários e também uma maior participação popular na política do país. O Brasil viu, nesse período, emergir sindicatos rurais e urbanos reivindicando maior representatividade política, para isto os trabalhadores realizavam greves, passeatas e manifestações, apoiavam principalmente os políticos das esquerdas. Esta organização dos trabalhadores era visto pela elite e pelos ramos mais conservadores da sociedade como agitação, subversão e uma ameaça para a ordem no país. Pernambuco foi um dos Estados que mais se destacaram por possuir maior organização da massa trabalhadora, Jaccoud [1990] cita quatro movimentos sociais de grande importância e atuação do Estado:

---

<sup>10</sup>CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 17<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 127.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

No campo, as Ligas Camponesas e os Sindicatos Rurais, representando as contradições específicas enfrentadas pelos trabalhadores rurais, decorrentes das mudanças nas relações de trabalho ali instituídas; nos centros urbanos mobilizam-se os sindicatos urbanos e surgem as associações de moradores, estas canalizando as demandas urbanas da população de baixa renda.<sup>11</sup>

Vamos estudar aqui mais detalhadamente as associações de moradores ou associações de bairro, como ficaram mais conhecidas, sua origem, organização e articulação política.

Antes de 1955, quando começam a surgir às primeiras associações de bairro de cunho reivindicativo promovidas pelo incentivo do prefeito do Recife Pelópidas Silveira, já existiam alguns movimentos de bairros no Recife, como as Ligas de Defesa da Constituição e células comunistas em diversas localidades da cidade.

As Ligas de Defesa da Constituição tinham por objetivo esclarecer os moradores dos bairros sobre o que estava escrito na Constituição Federal e Estadual e colocava em prática os direitos assegurados por elas, como a de reivindicar, realizar manifestações públicas e greves<sup>12</sup>.

Além das Ligas também existiam várias células comunistas espalhados pelos bairros do Recife na década de 1940. Estas células possuíam sedes onde realizavam reuniões com os seus membros. Nos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social [DOPS-PE] constam atas de presença de reuniões e os discursos empregados nelas, que era baseado na defesa do comunismo e na união popular. Estas células eram perseguidas pela polícia, em algumas reuniões, descritas por agentes do DOPS-PE, os seus líderes teriam afirmado que sofriam perseguições e que já tinham sido torturados<sup>13</sup>. Várias células, como a do Brejo, bairro das intermediações de Casa Amarela, foram desativadas. Localizada na Estrada do Brejo. nº 512, em 22 de maio de 1947 está célula foi interditada pela polícia da Delegacia da Ordem Política

<sup>11</sup> JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco 1955-1968**. Recife: Mssangana, 1990. p. 29.

<sup>12</sup> *Folha do Povo*, Recife, 30 ago 1947. Prontuário nº. 336. Fundo: SSP/DOPS/APEJE.

<sup>13</sup> Célula Comunista de Beberibe. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE Nº 4623.

Econômica e Social, tendo seus bens apreendidos. Outras células tiveram o mesmo fim com a extinção do Partido Comunista do Brasil em 9 de maio de 1947, muitas células foram interditadas e tiveram seus materiais apreendidos<sup>14</sup>.

O bairro de Casa Amarela já possuía uma organização social, era a Sociedade Beneficente Mista de Casa Amarela, fundada em 1930. Atuava na assistência aos associados e seus familiares em caso de enfermidade ou morte. Chegou a possuir mais de 600 membros<sup>15</sup>.

As associações de bairro surgem no Recife no período de redemocratização do pós-45, incentivadas principalmente por correntes político-partidárias de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro- PCB, e pela Frente do Recife<sup>16</sup>. Foi durante a administração do prefeito Pelópidas Silveira, a partir de 1955, que surgiram à maioria das Associações de Bairro do Recife, incentivadas por ele e por seu grupo político<sup>17</sup>. Estas associações possuíam um objetivo bastante claro: ajudar a prefeitura na administração da cidade, canalizando melhor as necessidades da população, como diz Jaccoud [1990]:

Inspiradas na experiência que se consolidava em São Paulo e sentindo a necessidade da organização popular como forma mais adequada para canalizar as reivindicações e aspirações da população com relação às ações da prefeitura, as forças políticas que atuaram na campanha de Pelópidas procuraram incentivar sua formação<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> Célula Comunista do Brejo. Prontuário n°. 4595. Fundo: SSP/DOPS/APEJE.

<sup>15</sup> Liga da Defesa da Constituição de Casa Amarela. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE N° 7661.

<sup>16</sup> Coligação partidária formada pelo Partido Comunista Brasileiro - PCB, Partido Socialista Brasileiro - PSB e pelo Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, além de outras correntes da esquerda independente. Cujas ideias centravam no nacionalismo, populismo e na democracia, formava a esquerda de Pernambuco (JACCOUD, 1990, p. 86).

<sup>17</sup> Pelópidas era membro da Frente do Recife. Paulo Cavalcanti no seu livro *O Caso eu Conto como o Caso Foi*, volume 4, ao referir-se à Frente do Recife afirma que: “Quando às ligações do governo com o povo, estimulou a criação das associações de bairros, discutiu em praça pública os problemas da cidade, aplicou com absoluta severidade os dinheiros públicos combateu a corrupção e a burocracia” (CAVALCANTI, 1985, p. 80).

<sup>18</sup> JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco 1955-1968**. Recife: Mssangana, 1990. P. 55.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

Cada associação possuía seu estatuto, porém, o que havia em comum entre elas era o fato de não existir distinção de cor, credo político, filosófico ou religioso. Os diretores permaneciam no cargo em média dois anos e eram eleitos em assembleias, não necessariamente as associações deviam possuir registro, eram reconhecidas principalmente pelo seu trabalho.<sup>19</sup>

As associações se proliferaram principalmente nos bairros carentes, incentivadas pela prefeitura popular de Pelópidas Silveira, elas serviam de ligação entre o povo e a prefeitura. Pelópidas levava as reivindicações dos populares para a prefeitura em forma de abaixo-assinados, memorandos, organizando comissões de moradores ou colocando-as nos debates ou audiências.

As audiências públicas eram o diferencial da prefeitura. Elas ocorriam em bibliotecas populares, escolas, clubes e associações, e contavam com a presença de pessoas da comunidade e do prefeito. Funcionavam da seguinte forma:

O governante Pelópidas Silveira com os diretores de diversos departamentos da prefeitura e vereadores iam para o local previamente marcado no bairro, recebiam as reivindicações, as críticas, e forneciam as informações, cabendo a Pelópidas Silveira expor as linhas de ação, justificar as necessidades de atendimento a todos os pleitos e relatar os fatos em evidência que envolviam o seu governo.<sup>20</sup>

Também ocorriam reuniões no Teatro Santa Isabel, nas quais o próprio Pelópidas ouvia individualmente a população mais pobre ou por intermédio das associações de bairro. O prefeito e sua comissão faziam uma agenda de visitas nas comunidades e a população era convocada a participar através de cartazes colocados das comunidades informando o local e horário da audiência [Ver figura 01]. Na maioria das vezes, contava com grande participação do público e mesmo quando as reivindicações não podiam ser

---

<sup>19</sup> CEZAR, Maria do Céu do E. S. **As organizações populares do Recife: trajetória e articulação política (1955-1964)**. Caderno de Estudos, v. 1. N° 2. Recife: Massangana, 1985. P. 163-164.

<sup>20</sup> Cavalcanti, 1978:258 *apud* PONTUAL, Virgínia. **Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950**. Recife: UFPE, 2001. P. 203.



## Democracia popular: experiência das associações de bairro da cidade do Recife [1955-1964]

| Geane Bezerra Cavalcanti

atendidas, por falta de recursos<sup>21</sup>, tudo era passado para a população que compreendia a questão e continuava a apoiar o prefeito. O jornal *Folha do Povo* chegou a divulgar as reuniões, como a que ocorreu no Córrego da Areia e contou com a presença dos líderes de outras associações e políticos da Frente do Recife, o intuito do encontro era discutir os problemas da comunidade.<sup>22</sup>



**Figura 01:** Convocação para segunda audiência pública do prefeito Pelópidas Silveira na Bomba do Hemetério - Arruda. 17-01-1957. Foto: Severino Fragoso. Fonte: Museu da Cidade do Recife.

<sup>21</sup> “Com esses escassos recursos, sem contar com a menor ajuda do governo federal, a Frente do Recife administrou a capital pernambucana, cosendo-se com suas próprias linhas” (CAVALCANTI, 1985, p. 75).

<sup>22</sup> Associação de Bairros Relação. *Folha do Povo*, Recife, 25 mar 1956. Prontuário n°. 7050. Fundo: SSP/DOPS/APEJE.



**Figura 02:** Audiência popular do prefeito Pelópidas Silveira no Bairro do Pina. 1957. Foto: Severino Fragoso. Fonte: Museu da Cidade do Recife.

As audiências caíram nas graças do povo, como se vê na imagem acima, atraía um grande público do local, que atenciosamente acompanhava a reunião. Os populares enxergavam através das audiências uma oportunidade para maior participação política na vida da cidade e também um canal para buscar melhorias para a sua comunidade. Era também uma forma democrática de governo municipal, pois ouvia diretamente a população<sup>23</sup>. Com o governo democrático, Pelópidas conseguiu apoio popular que possibilitou o fortalecimento da Frente do Recife, coligação do qual fazia parte.

As associações serviam também de comitês para Pelópidas, elas se expandiram rapidamente no Recife, principalmente nos bairros carentes da zona norte, estas associações tinham o papel de organizar suas reivindicações

---

<sup>23</sup> Não é difícil compararmos a participação popular da prefeitura de Pelópidas Silveira com a chamada Democracia Direta, na qual as decisões são tomadas diretamente por uma ampla parcela dos cidadãos.

Democracia popular: experiência das associações de bairro da cidade do Recife [1955-1964]  
| Geane Bezerra Cavalcanti

e encaminhá-las para a prefeitura. Além dos comitês de bairros, também se formaram comitês femininos e de estudantes Pró-Pelópidas Silveira<sup>24</sup>. Os comitês começam a funcionar antes mesmo das eleições para prefeito em 1955 e a atuação deles foi importante para a eleição de Pelópidas para ocupar o cargo de prefeito da cidade.

As associações de moradores sempre estiveram ligadas a política. Não poderia ser diferente já que era através deste canal que as reivindicações delas poderiam ser ouvidas e atendidas. Comumente, as associações apoiavam determinados políticos e os ajudavam a se eleger, como a eleição de Miguel Arraes em 1959 para a prefeitura do Recife, em substituição a Pelópidas. As associações organizavam comícios e apoiavam principalmente os políticos da Frente do Recife, pois estes lhe davam mais abertura e apoio, diferentemente da oposição que não via com bons olhos a atuação das associações.

A eleição de Arraes representou a continuidade do governo de Pelópidas para as associações, tanto na parte político local como nas relações entre ambas. As associações também foram importantes nas eleições para o governo do Estado em 1962 demonstrando apoio total a Miguel Arraes<sup>25</sup> e as reformas de base propostas pelo governo federal. Através destes fatos podemos constatar o engajamento político das associações e a importância política que tiveram durante o período democrático pré-Ditadura Militar.

Entretanto, as associações não surgem apenas com o incentivo político, mas a partir das reais necessidades que os moradores dos bairros suburbanos possuíam. As suas reivindicações eram principalmente melhorias na infraestrutura urbana, como saneamento básico, iluminação pública, escolas, creches, postos de saúde, etc. Ainda havia a luta pela posse da terra invadida, causadora de tensões entre os populares, a prefeitura e grupos ligados à classe proprietária, que tinha enormes interesses econômicos e

---

<sup>24</sup>Associações de Bairro [Comitês pró-Pelópidas da Silveira]. Prontuário n°. 29.595. Fundo: SSP/DOPS/APEJE.

<sup>25</sup>Bairros Lançaram Arraes nesta 4ª feira. *Última Hora*, Recife, 24 jun 1962.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

alegavam serem os donos da terra. Ações de despejos eram constantes, sem ter onde morar boa parte da população retornava ao mesmo local.

Histórias como essas eram comuns em todo Recife, principalmente em áreas de morros, como nos bairros de Casa Amarela e Ibura, mas também ocorriam nas áreas mais próximas ao centro da cidade, como a comunidade de Brasília Teimosa, cercada por bairros nobres e numa região de alta especulação imobiliária. Esta comunidade começa a surgir a partir de 1957 com a invasão de terrenos na área utilizada principalmente por pescadores, mesmo com a ação policial, que destruíam os barracos, os populares não desistiam e durante a noite retomava a construção das habitações. Neste período estava em construção a Cidade de Brasília, logo a comunidade passa a ser chamada de Brasília Teimosa. A teimosia, a astúcia<sup>26</sup> dos seus moradores, somadas a mobilização popular fizeram com que, em 1958, as famílias que ali estavam conseguissem o direito de permanecer no local, porém, sem muitas garantias do Estado, esta comunidade teve que lutar ainda por muitos anos pelo direito de lá morar, e sua associação de moradores foi fundamental para aquelas conquistas<sup>27</sup>. A situação de Brasília Teimosa só foi regularizada na prefeitura de Pelópidas Silveira.

A população carente do Recife que praticava ocupação de terrenos para construir suas casas participava de um jogo entre fortes e fracos. Sendo o lado mais fraco, duelava com os fortes, proprietários de terreno e a polícia. Para driblar as estratégias dos mais fortes estas comunidades tinham que elaborar táticas para burlar a ação policial e marcar seu espaço.

Segundo Certeau [2001]<sup>28</sup> as estratégias são “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “Ambiente””. Com relação à ocupação de terrenos,

---

<sup>26</sup> Para Certeau [2001] a astúcia é a inteligência e sabedoria popular utilizadas para dar golpes e driblar o poder do mais forte que tenta oprimir o mais fraco.

<sup>27</sup> Albuquerque, 1986:59-68 *apud* LUNA, Allan Cavalcante. **O discreto charme da democracia: os movimentos de bairro e o festim da participação popular nas periferias do Recife [1979-1988]**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2014. p. 79.

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes e fazeres**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 46.

os sujeitos de “querer e poder” são os proprietários de terra que utilizam sua influência para conseguir apoio político e da polícia formulando estratégias nas ações empregadas contra os “invasores”. Já as táticas:

Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (...), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”.<sup>29</sup>

A insistência dos moradores de Brasília Teimosa possibilitou o surgimento de “ocasiões”, à noite, quando a polícia havia se retirado, os moradores novamente levantavam seus barracos, até que outra ordem de despejo fosse elaborada. Desta forma a teimosia popular, que deu nome à comunidade, fez parte de uma tática para driblar os mais fortes do jogo, tanto que a comunidade consegue o direito de permanecer no lugar em 1958. Para conseguir esta vitória os populares utilizaram uma inteligência que fora empregada nas lutas cotidianas em combate às estratégias de quem possuía o poder, para Certeau [2001]<sup>30</sup> as “táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”.

Certeau [2001] chama esta sabedoria popular, de criar soluções criativas para enfrentar seus problemas, de “Trampolinagem”:

O que se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavras associa a acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. Mil maneiras de

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes e fazeres**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 47.

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes e fazeres**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 47.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

jogar/ desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído do outro, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor.<sup>31</sup>

A trampolinagem será largamente utilizada pela população da periferia da cidade que, elaborando táticas de sobrevivência, consegue enxergar e abrir brechas no poder que tenta lhe oprimir, aplicando golpes sobre o mesmo, sendo teimosa e resistente, vai construindo o seu cotidiano mesmo estando sob ameaças. É aproveitando situações que os moradores da periferia constroem suas casas, ocupam seu território, beneficiam-se de uma situação política entre conservadores e a oposição de esquerda. Com a brecha que a democracia fornece elegem a esquerda que lhes proporciona maior apoio, se aproveitam dela, galgando espaço na política e influência sobre ela. Resistem à ordem de despejo e driblam as dificuldades do dia a dia. Com isso saem de uma posição inferior de dominados para agentes do seu destino e de sujeitos atuantes em sua própria história, tornando-se sujeitos e protagonistas dela.

As associações não reivindicavam apenas melhorias urbanas, queriam também uma participação maior na vida política do Estado.

Participando cada vez mais das lutas populares que se apresentavam na cena política de Pernambuco, as associações de bairro ultrapassaram os limites da representação dos moradores por melhores condições de vida e procuraram inserir-se num contexto maior de busca de ampliações do espaço político de atuação das populações carentes do Recife.<sup>32</sup>

Em todo Recife o que se via eram associações bastante atuantes, mesmo algumas recém-formadas já realizavam reuniões com os moradores para

---

<sup>31</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes e fazeres**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 79.

<sup>32</sup> JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco 1955-1968**. Recife: Mssangana, 1990. P. 57.

## Democracia popular: experiência das associações de bairro da cidade do Recife [1955-1964]

| Geane Bezerra Cavalcanti

discutir os problemas do bairro e fazer suas reivindicações junto à prefeitura, através de abaixo-assinados e reuniões com o prefeito. A maioria das reivindicações, principalmente das comunidades de Casa Amarela: Vasco da Gama, Brejo, Alto Santa Isabel, Córrego da areia etc., eram transporte público, iluminação urbana e fornecimento de água.<sup>33</sup>

As associações também praticavam o assistencialismo, recebia doações de roupas, colchões, alimentos e distribuía para a população mais carente. Além disso, ela também prestava serviços educacionais e de saúde que eram promovidos pelo Movimento de Cultura Popular – MCP. Este movimento surge na cidade do Recife, em maio de 1960, a partir do incentivo do então prefeito Miguel Arraes e de um grupo de intelectuais engajados em levar cultura, saúde e educação as comunidades carentes utilizando uma linguagem popular. Sua sede ficava na Avenida Arraial do Bom Jesus, onde hoje se encontra o Sítio da Trindade.

Entre seus objetivos, constam no seu estatuto a promoção da educação integral de base comunitária, a melhoria de renda das pessoas através do ensino especializado, o ensino religioso facultativo e a formação de novas escolas.<sup>34</sup> Contava com o apoio financeiro da prefeitura do Recife e da iniciativa privada, na parte operacional contava com a ajuda de estudantes universitários que eram distribuídos em equipes e atuavam em diferentes setores.

Entre os projetos educacionais estava a criação de Praças de Cultura, nas quais se procurava conscientizar os indivíduos sobre seu papel comunitário e familiar, além de Bibliotecas e serviços de Rádio Difusão da Cultura Popular<sup>35</sup>. Festas populares com apresentações culturais, para animar

---

<sup>33</sup> Associação de Bairros Relação. Prontuário n°. 7050. Fundo: SSP/DOPS/APEJE.

<sup>34</sup> Estatuto do Movimento de Cultura Popular – MCP. Movimento de Cultura Popular: memorial. Coleção Recife. Vol. XLIX/MCP 26 anos. 1986. Acervo: Biblioteca FUNDAJ.

<sup>35</sup> Programa dirigido por Paulo Freire que tinha por objetivo educar e alfabetizar jovens e adultos através de programas de rádio. ROSAS, Paulo. **O Movimento de Cultura Popular**. Rio de Janeiro – RJ, 1980. In: Movimento de Cultura Popular. Fundação da Cultura da Cidade do Recife. Coleção Recife Vol: XLIX. Recife – PE, 1986. P. 27

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

o povo, também eram promovidas pelo grupo, como os festejos de São João<sup>36</sup> e Natal.



**Figura 03:** Inauguração de escolas municipais em Beberibe e Casa Amarela - Movimento de Cultura Popular. Julho 1960. O MCP utilizava as instalações de clubes esportivos e associações de bairro para promover suas ações. Foto: Mário de Carvalho. Fonte: Museu da

A imagem acima retrata a inauguração de mais uma escola do MCP em um bairro popular do Recife. Como não possuíam verba para construções de novas escolas, o grupo aproveitava-se de Clubes comunitários e associações já existentes, utilizando o espaço para suas ações.

O MCP também procurava conscientizar politicamente a população carente fazendo-a pensar sobre seus problemas, estimulando a participação popular democrática na administração municipal. Segundo Rosas [1980] “muito mais que alfabetização, pensava-se em consciência social do homem

---

<sup>36</sup> São João Explode nos Subúrbios do Recife. *Última Hora*, Recife, 24 jun 1962. Microfilmagem – Fundaj/Recife-PE.



de baixa renda, na preparação do homem para sair de sua miséria, para lutar pela melhoria de seu nível de vida”<sup>37</sup>.

A proposta do MCP atingiu seu objetivo atraindo cada vez mais pessoas para os seus projetos, desta forma “o povo participou do MCP não como usuário-passivo, mas como usuário-construtor, usuário-participante, e, quase diria, patrocinador, através da abertura de seus clubes de subúrbios, transformados em “núcleos de cultura” e centros de educação”<sup>38</sup>.

O que este projeto fez foi criar outro tipo de educação, uma educação popular, aberta a não apenas alfabetizar, mas, sobretudo, conscientizar politicamente a população. Contou com uma forte presença popular e mostrou-se uma experiência de sucesso. As lembranças deste tempo ainda estão presentes na memória de quem participou de iniciativas como estas, é o caso do Sr. Mário de Souza<sup>39</sup>, nascido em 1953 no Recife, no bairro da Mustardinha, mudou-se em 1962 para o Córrego do Euclides, comunidade que na época pertencia ao bairro de Casa Amarela, e lá pode acompanhar sua mãe em uma escola comunitária.

Minha mãe não sabia ler, apenas algumas palavras fáceis e assinava o nome de forma muito mau. E nessa época, não me recordo bem o ano, ela começou a estudar num programa que concebo hoje como sendo de um movimento popular, num local chamada de Confederação. Lá também se discutia o que concebo hoje como compartilhamento, pois as mulheres conversavam entre si, as crianças tinha um espaço para jogar, pular e até estudar ou ver as aulas das mães, como eu fazia. Digo que era um compartilhamento porque comecei a observar uma troca de “coisas” (alimentos, roupas, pequenos utensílios) entre os moradores. Ouvia de minha mãe, “selecione as roupas que não está mais dando em você e me dê para eu levar para aula (confederação)”. Isto foi uma experiência de vida muito importante para minha formação humana. Lá também aprendi a ver o uso do significado de

<sup>37</sup> ROSAS, Paulo. **O Movimento de Cultura Popular**. Rio de Janeiro – RJ, 1980. In: Movimento de Cultura Popular. Fundação da Cultura da Cidade do Recife. Coleção Recife Vol: XLIX. Recife – PE, 1986. p. 23.

<sup>38</sup> ROSAS, Paulo. **O Movimento de Cultura Popular**. Rio de Janeiro – RJ, 1980. In: Movimento de Cultura Popular. Fundação da Cultura da Cidade do Recife. Coleção Recife Vol: XLIX. Recife – PE, 1986. p. 23.

<sup>39</sup> Atualmente reside do bairro de Areias, Recife – PE. É professor da Universidade de Pernambuco - UPE.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

comunidade. (...) Isto era muito importante para minha formação humana, entendo hoje assim. Os festejos na Feirinha da Rodinha (São João e Natal com o pastoril), morro da conceição e no Sítio da Trindade, foram elementos sintetizadores de minha relação humana. Ou seja, o local, Córrego do Euclides, foi uma lição de vida para mim enquanto um viver em comunidade, um aprendizado.<sup>40</sup>

A partir da experiência do Sr. Mário de Souza podemos perceber como as associações, ou federação, como eram conhecidas por ele, eram atuantes na vida comunitária, estimulando a troca de produtos, a interação social e discutindo coisas do cotidiano que faziam parte dos alunos, passando-lhes uma instrução não apenas focando a alfabetização, mas os educando e conscientizando para suas vidas. Notamos que a educação comunitária e popular permitia que as mães levassem seus filhos para as aulas, com isso os mesmos não ficavam sozinhos em casa. Esta prática também facilitava a participação das mulheres na escola, pois não precisavam deixar de ir a federação por não ter com quem deixar os filhos.

Como já disse, minha mãe era analfabeta e nunca gostou disso, inclusive hoje em dia. Ela veio de família muito pobre de lavradores [Limoeiro ou Bom Jardim, não se sabe ao certo], [...] a vida dura do campo fez minha mãe e tias e tios vierem para Recife. [...] Minha mãe ficou numa casa de estrangeiros até seus 20 anos quando saiu para casar com meu pai. Aprendeu apenas a assinar o nome para poder casar. Por isso, no Córrego do Euclides ela começou a ter contato com o letramento e também com o diálogo entre pares. A educação que ela recebia era de “forma prática”, ou seja, era voltada para vida. Eu via discussões na aula sobre muitas coisas que envolvia doenças, comidas, saúde, diversão, as pessoas, tudo era muito prático e dialógico entre os presentes, embora houvesse também a escrita e a conta [apenas somar e subtrair].<sup>41</sup>

A mãe do Sr. Mário tem uma história muito parecida com a de tantas outras mulheres que habitavam a periferia da cidade, mulheres humildes, analfabetas e vindas do interior em busca de melhores condições de vida na

---

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

cidade. A maioria se ocupava na profissão de doméstica e com muita dificuldade cuidava dos filhos. Sr. Mário

Multiplicar e dividir minha mãe tentou aprender quando iniciou o MOBREAL em Areias, pois ela veio do Córrego do Euclides muito feliz com a Educação, mas em Areias o processo era o que ela chamava de “diferente”, pois ela não podia juntar-se com outras amigas. Além disso, no Córrego do Euclides, ela não tinha no caderno o CERTO [com a letra C] ou o ERRADO [com a letra E] no processo educacional e quando chegou aqui em Areias tinha isso que a revoltou muito. Inclusive o fato de que seu nome é SEVERINA [começa com SE] e quando ela ia escrever o cabeçalho ela escrevia ESCOLA no lugar de ESCOLA e isso, nunca fora repreendido quando ela estudava no Córrego do Euclides, mas era colocado para ela fazer várias vezes a palavra ESCOLA e dizer o que era a ESCOLA. Aqui em Areias a Professora colocou a letra E [errado] em várias partes do caderno dela e isso a irritou e ela nunca mais, sob hipótese nenhuma quis voltar a escola. Assim ela saiu de uma escola que falava da vida, das doenças e da saúde, da política e dos filhos, onde todos os homens e mulheres tinham voz e vez para uma escola que tinha CERTO e ERRADO que na idade dela, mais de 30 anos, mulher, analfabeta, pobre, vinha de origem paupérrima, não podia aceitar.<sup>42</sup>

Observamos que na educação popular não havia uma repreensão enquanto aos erros, mas sim uma instrução e o estímulo ao pensar. Quando Sr. Mário diz que quando sua mãe escrevia “Secola” ao invés de “escola” ela repetia a palavra e tinha que falar o que era a escola, assim ela podia fazer uma reflexão e criar o seu conceito de escola. Diferentemente do sistema utilizado pelo “Mobreal<sup>43</sup>”, já durante o Regime Militar pós 1964, uma escola do “Certo” e do “Errado”, no qual a disciplina e recriminação através do “E” de errado era constante. Assim podemos comparar as duas formas de ensino no qual uma “falava da vida, das doenças e da saúde, da política e dos filhos, onde todos os homens e mulheres tinham voz e vez para uma escola que tinha CERTO e ERRADO”<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL. Criado em 15 de dezembro de 1967, pelo governo militar, objetivava a alfabetização de jovens e adultos.

<sup>44</sup> Mário de Souza.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

A educação popular fornecida pelo MCP foi fruto de estudos e pesquisas dos membros de sua equipe. A principal iniciativa do grupo foi a alfabetização de jovens e adultos, para isto foi elaborada uma cartilha chamada *Livro de Leitura para adultos* e o “Guia do Alfabetizador”<sup>45</sup>. O livro de leitura trabalhava com palavras chaves que faziam parte do cotidiano dos trabalhadores, como enxada e mocambo, a partir delas estudava-se as sílabas e a formação de outras palavras<sup>46</sup>.

Chama-nos a atenção a primeira lição da cartilha, que possui como palavras chave “povo” e “voto”. Primeiramente, lê-se as palavras “povo” e “voto”, depois forma-se a seguinte frase: “O voto do povo”<sup>47</sup>. Desta forma o MCP além de alfabetizar queria conscientizar os alunos politicamente, discutindo a importância do voto, ampliando a discussão sobre, e fortalecendo a democracia. Desta forma, alfabetizar as pessoas era incluí-las nos direitos políticos, pois analfabetos não votavam e com o letramento estas pessoas podiam adquirir o direito ao voto e ter acesso à cidadania<sup>48</sup>.

O MCP ainda atuava na área da saúde. Possuíam médicos e estudantes universitários que atendiam a população nos postos de saúde dos bairros. O cuidado com a saúde também se dava nas escolas, com informações de higiene e de como se prevenir doenças, programas emitidos pela Escola Radiofônica que também divulgava estas informações<sup>49</sup>.

Em muitos casos, as associações tiveram suas reivindicações atendidas, o que mostra a força popular quando organizada, unida e bem estruturada, como em Casa Amarela e no bairro do Pina. O jornal *Folha do Povo* de 21-02-1958 destaca as obras estruturais realizadas no bairro e a inauguração de uma escola, reivindicação dos moradores. Outras associações também

---

<sup>45</sup> COELHO, Germano. **MCP História do Movimento de Cultura Popular**. Recife-PE, 2012. p. 32.

<sup>46</sup> COELHO, Germano. **MCP História do Movimento de Cultura Popular**. Recife-PE, 2012. p. 33-34.

<sup>47</sup> Livro de Leitura para Adultos, MCP. Prontuário nº 29.841. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE

<sup>48</sup> COELHO, Germano. **MCP História do Movimento de Cultura Popular**. Recife-PE, 2012. p. 33.

<sup>49</sup> COELHO, Germano. **MCP História do Movimento de Cultura Popular**. Recife-PE, 2012. p. 42.

## Democracia popular: experiência das associações de bairro da cidade do Recife [1955-1964]

| Geane Bezerra Cavalcanti

conseguiram êxito, em alguns casos a população do bairro, através da associação de moradores, trabalhava em parceria com a prefeitura do Recife. O governo municipal disponibilizava material e equipamentos para a população fazer as melhorias no bairro com as suas próprias mãos.

Em janeiro de 1963, com a influência do PCB, é criada a Federação das Associações de Bairros do Estado de Pernambuco [FABEP]. Fundada inicialmente por 34 associações, representava o papel político das mesmas, servindo como órgão de articulação política, estando presente nos momentos de mobilização política de Pernambuco nos anos de 1963 e 1964<sup>50</sup>. Propunha-se em debater:

Problemas comuns de reforma agrária e urbana, regulamentação da remessa de lucros para o exterior, nacionalização dos bancos e empresas estrangeiras, planejamento urbanístico, abastecimento de gêneros alimentícios e de água, defesa da fauna e das reservas florestais e minerais, defesa da indústria nacional, habitação, transporte, bem-estar, saúde, educação, alfabetização e ensino técnico profissional.<sup>51</sup>

A partir de suas propostas, podemos observar que a FABEP não só procurava atuar nos bairros, mas também nas decisões políticas em várias esferas, procurava ser um espaço democrático de discussões de assuntos de interesse do Estado e não apenas das associações.

A FABEP desempenhou um papel importante na organização e mobilização das associações de bairros. Sempre calcando a ampliação da participação popular na política do Estado, articulava-se com movimentos e partidos políticos, como o projeto democrático-reformista elaborado pelo PCB e pela Frente do Recife, reivindicava maior participação e defesa desse projeto. Em 28 de novembro de 1963, organiza no Recife o 1º Encontro das Associações de Bairros do Estado de Pernambuco, com o intuito de discutir

---

<sup>50</sup> JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco 1955-1968**. Recife: Mssangana, 1990. P. 58.

<sup>51</sup> "Finalidades da Federação", jornal *A Hora*, 19 a 26-01-1963 *apud* Jaccoud, 1990: 58.

## DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

ação de interesse popular como melhorias na infraestrutura urbana<sup>52</sup>. Deste evento saíram reivindicações que foram encaminhadas para o então prefeito Pelópidas Silveira (em seu segundo mandato como prefeito) e para o governador Miguel Arraes.

No âmbito estadual, reivindicava-se “maior entendimento entre o governo e as organizações populares; audiências semanais com essas organizações e criação de um conselho estadual, com representantes das associações”<sup>53</sup>. Já no âmbito municipal, as reivindicações eram criar um conselho das associações de bairro, sob a presidência do prefeito ou do secretário de administração e introduzir um representante da FABEP das comissões de planejamento<sup>54</sup>. Apesar do interesse da Federação pela política estadual e até mesmo nacional, apoiava o governador Miguel Arraes e as reformas de base propostas por João Goulart, sua maior atuação era na questão local e cotidiana dos moradores dos bairros. A FABEP representava a legitimação da democracia em Pernambuco por promover a participação popular na vida política do Estado.

A década de 1960 foi de grande crescimento e organização das associações de bairro. Porém, após o golpe militar de 1964 muitas dessas organizações foram desarticuladas, sedes foram invadidas, materiais foram apreendidos e houve algumas prisões dos líderes comunitários. O então governador Miguel Arraes e o prefeito reeleito do Recife, Pelópidas Silveira, foram afastados dos cargos. O golpe de 1964 foi um golpe, acima de tudo, na democracia. Espaços democráticos, como associações e sindicatos, foram fechados e proibidos. A voz do povo ecoava até os ouvidos das elites, que assustadas e receosas de perder seus privilégios apoiaram o golpe e a ditadura que se sucedeu. Porém, os movimentos de bairro ressurgem na

---

<sup>52</sup> Ibid., p. 59.

<sup>53</sup> CEZAR, Maria do Céu do E. S. **As organizações populares do Recife: trajetória e articulação política [1955-1964]**. Caderno de Estudos, v. 1. N° 2. Ed: Massangana. Recife-PE, 1985. p. 172.

<sup>54</sup> CEZAR, Maria do Céu do E. S. **As organizações populares do Recife: trajetória e articulação política [1955-1964]**. Caderno de Estudos, v. 1. N° 2. Ed: Massangana. Recife-PE, 1985. p. 172.

**Democracia popular: experiência das associações de bairro da cidade do Recife [1955-1964]**

| Geane Bezerra Cavalcanti

década de 1970 com o apoio da Igreja Progressista e durante o período de redemocratização, na década de 1980 experimentam uma nova efervescência. Estes fatos revelam as resistências dos populares que enfrentaram até os anos ditatoriais mais duros em busca de sua cidadania e pondo em prática uma democracia construída pelas suas mãos.

Recebido em 24.06.2016  
Aprovado em 07.07.2016